



BOIA FARTA, SUSTENTÁVEL E DE QUALIDADE SEMPRE

Pesquisadores mostram que o consórcio capim-leguminosa gera aumento de produtividade, recupera pastagens degradadas e pode dispensar ou reduzir uso de proteinado

Erick Henrique
erick@revistaag.com.br



Quando dizem que os produtores brasileiros são aqueles que mais contribuem para preservação do meio ambiente, não é papo para inglês ver, como diz a expressão popular. Uma nobre demons-

tração disso é a estratégia adotada pelos pecuaristas que implantam o consórcio gramíneas-leguminosas, o qual permite elevar a capacidade de suporte da área e o ganho de peso médio diário, inclusive na seca, pe-

ríodo que os animais normalmente perdem peso.

Além do benefício ambiental, a engenheira-agrônoma da Embrapa Sudeste, de São Carlos/SP, Livia Mendes de Castro, destaca, também,

o benefício econômico, porque, em uma pesquisa realizada pela entidade, o consórcio brachiaria-feijão-guandu BRS Mandarin revela que a leguminosa incorpora nitrogênio ao sistema, melhorando a qualidade das forrageiras e recuperando pastagem degradada. Os estudos indicaram que a leguminosa possui *status* de adubo verde, uma vez que o resíduo de guandu não consumido pelo gado é roçado e depositado sobre a superfície das pastagens. Passa, então, a funcionar como adubação, disponibilizando mais de 200 kg/ha de nitrogênio ao pasto.

Entretanto, a engenheira-agrônoma salienta que pode ser necessário fazer calagem para que o solo atinja 70% de saturação por bases no período de maio a agosto. “No consórcio gramínea + guandu BRS Mandarin, não é necessário revolver a terra, faz-se a roçada da área deixando a pastagem com altura de 10 cm e, em seguida, faz-se o plantio direto da leguminosa no capim, promovendo correções recomendadas de acordo com a análise de solo”, explica Lívia.

Ela esclarece que a profundidade de plantio da leguminosa deve ser de 5 cm e o espaçamento entre linhas, de 80 cm. A taxa de semeadura, que deve ocorrer entre o início da estação chuvosa e a primeira quinzena de janeiro, é de 20 kg/ha. Um ano após o plantio, no início da estação das águas, a leguminosa deve ser roçada, e o material remanescente deve ficar sobre a superfície da pastagem, funcionando como adubação verde. As plantas roçadas rebrotam, e inicia-se um novo ciclo, podendo persistir na área por até três anos.

Fonte de proteína

A engenheira-agrônoma da Embrapa de São Carlos/SP ressalta que, na estação seca, o guandu fornece forragem de alto teor proteico aos bovinos das raças Canchim e Nelore da fazenda experimental, todavia, é palatável somente após o florescimento, que ocorre na época do ano mencionada. “A altura de pastejo recomendada é até 1,5 m, visto que os animais têm preferência por consumir as flores e as vagens presentes na ponteira. Por

Foto: Embrapa Pecuária Sudeste



A altura de pastejo da leguminosa guandu recomendada pela Embrapa é até 1,5 m, visto que os animais têm preferência em consumir as flores e as vagens que estão na ponteira

isso, a gente faz o manejo de roçada, todo ano, na época das chuvas. Caso contrário, o guandu cresce e vira praticamente uma arbustiva”, explica.

O guandu apresenta, também, baixa palatabilidade na fase vegetativa, que coincide com o período das águas. Então os animais irão consumir preferencialmente as gramíneas, preservando a leguminosa e favorecendo a fixação biológica de nitrogênio e o crescimento da espécie. Posteriormente, quando floresce e atinge a idade reprodutiva, a aceitabilidade melhora, e o gado passa a consumi-la (principalmente as vagens e as folhas mais velhas), propiciando melhor desempenho animal em relação às pastagens solteiras.

De acordo com a agrônoma, como a leguminosa possui alta taxa de retenção de folhas na seca, fornece forragem com elevado conteúdo proteico, dispensando o uso de suplemento mineral proteinado. Vários trabalhos reportaram aumento no desempenho bovino com o uso de guandu, seja consorciado ou como banco de proteína.

Sampaio (2007) avaliou três tipos de sistemas de produção na recria e engorda de machos Nelore: pastejo intermitente de capim-marandu com banco de proteína formado por 30% da área na seca, pastejo intermitente

de marandu com suplementação proteica na ordem de 0,5% do peso vivo do animal na seca e pastejo intermitente sem suplementação. O período experimental foi de 16 ciclos de pastejo, com duração de 42 dias em cada um dos sistemas testados. No pastejo intermitente do capim foram adotados períodos de ocupação de sete dias e descanso de 35 dias. Na primeira seca, o ganho médio diário de peso do sistema com banco de proteína (0,376 kg/dia) foi superior aos demais: com suplementação ficou em 0,298 kg/dia e sem suplementação mal chegou a 0,138 kg/dia.

Na seca seguinte, um aumento do NDT do suplemento de 64,16% para 75,62% não refletiu em vantagem no ganho de peso dos animais quando comparado ao uso do banco de proteína com guandu. Já o sistema sem suplementação apresentou menor ganho de peso vivo médio diário, exigindo mais ciclos de pastejo para o acabamento e o abate dos animais. Além disso, o capim-marandu apresentou teores de PB de 4,76% e 3,74% e de FDN de 80% e 80,81%, no primeiro e no segundo ano, respectivamente.

O uso do guandu consorciado na renovação das pastagens permitiu ganhos de 183 kg/ha/dia nas águas, mesmo com 45% da área estando sem